



A FENOMENOLOGIA DA DÊIXIS: RELAÇÕES IMEDIATAS COM O MUNDO SENSÍVEL

THE PHENOMENOLOGY OF DEIXIS: IMMEDIATE RELATIONS WITH THE SENSITIVE WORLD

Caio César Costa Santos ¹

Resumo: Nós não vemos o mundo, nós vemos as coisas que fazem parte deste mundo. E é do fundo de seu silêncio absoluto que as coisas se apresentam ao humano. Como dito, elas, as coisas, não precisam dizer, exprimir-se, afinal, elas se encerram em um fim absoluto, em um silêncio mortal. É o homem, no contato com a coisas, que as disseca. Neste artigo, o nosso objetivo é apresentar, à luz de uma perspectiva fenomenológica com base em Merleau-Ponty (2014), uma evidência perceptiva das coisas e dos objetos em relação ao mundo inteligível. Partindo-se, pois, de uma fé perceptiva, tentamos esboçar como a dêixis, refletida em gestos de apontar com as mãos, os dedos e os olhos, toma posse do mundo sensível, revelando sua natureza substancial. Defendemos a posição de que as coisas ou os objetos imersos no mundo pressupõem uma força perceptiva, bem como uma força ilusória.

Palavras-chave: Fenomenologia. Dêixis. Mundo.

Abstract: We don't see the world, we see the things that are part of this world. And it is from the depths of its absolute silence that things present themselves to the human. As said, they, things, do not need to say, express themselves, after all, they end up in an absolute end, in a deadly silence. It is man, in contact with things, who dissects them. In this paper, our objective is to present, in the light of a phenomenological perspective based on Merleau-Ponty (2014), a perceptive evidence of things and objects in relation to the intelligible world. Starting, therefore, from a perceptive faith, we try to sketch how the deixis, reflected in gestures of pointing with hands, fingers and eyes, takes possession of the sensible world, revealing its substantial nature. We defend the position that things or objects immersed in the world presuppose a perceptive force, as well as an illusory force.

Keywords: Phenomenology. Deixis. World.

1 Psicanalista. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe com especialização em Psicologia Fenomenológica pela FAVENI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1821436310106545>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3778-035X>. E-mail: caio-costa@live.com



Introdução

Merleau-Ponty (2014, p. 25), importante fenomenólogo da linhagem de Husserl (2006), teceu, em 1959, a seguinte reflexão em sua obra “O visível e o invisível”: “só através do mundo posso sair de mim mesmo”. O incrível a perceber desta pequena proposição é que ela inteiramente condensa toda a reflexão de seu livro final, escrito dois anos antes de sua morte, em 3 de maio de 1961. O que Merleau-Ponty quer dizer com esta reflexão? Que o mundo o qual nos circunda se apresenta como uma unidade ontológica de sentido que subscreve e insere o homem em suas relações espaço-temporais. Quando ele afirma que o sujeito, dotado de um estado de consciência seja ele qual for, pode sair de si mesmo, ele quer dizer que a percepção sensorial do ser humano pode transcender o espaço perceptivo das coisas. Ao sair de si mesmo, o sujeito toma consciência de que ele não estar só no mundo e de que as relações exteriores são tão importantes quanto às relações interiores. No momento em que o sujeito tem contato com algum objeto espacial, o mundo de relações sensoriais se amplia para abrigar a experiência total com o universo e, ao mesmo tempo, para focar a sua atenção à experiência provisória com o dado objeto. Dois mundos de relações sensoriais se convergem, mas parece que aquele mundo que prevalece é o mundo da coisa, do objeto percebido. Existe, em paralelo, o mundo total das relações exteriores e o “mundo” circunscrito à pequena porção de experiência. Tomemos como singular o termo “experiência” para o presente texto, pois este termo irá permear toda a nossa discussão em torno da tentativa de esboçar uma fenomenologia para a dêixis, ou seja, acerca dos gestos de apontar com as mãos e os dedos permeados por um mundo sensível.

Uma outra passagem em que enfatizamos dos textos de Merleau-Ponty é a que se segue: “são as próprias coisas, do fundo de seu silêncio, que deseja conduzir à expressão (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 18). A forma material da coisa não diz lá muitas coisas, mas ela, em si mesma, fala por si própria. São, na verdade, as coisas do mundo inteligível que simula o movimento enfático dos sentidos e são elas mesmas que formam um tecido epistêmico na camada superficial da situação capaz de formular, com a força da consciência do sujeito, hipóteses, lacunas, respostas, significados, posições as quais alertam-nos para a emergência de “situações” sobrepostas à construção do mundo circundante, revelando um dos lados da percepção sensorial da coisa, a saber, a sua semiose. Merleau-Ponty diz que uma mesa, uma pedra, uma concha não precisam de uma substância sonora para a interposição de sua dimensão semântica, ao contrário, estes elementos ou estas coisas elas mesmas dizem por si próprias. O contato com a força do humano é que faz codificar espécimes de fragmentos de sentidos, tornando mais ou menos “transparente” o sentido das coisas no mundo inteligível. Neste caso, o mundo, verdadeiramente tal como ele é, só é inteligível graças à superposição de coisas imersas no mundo material. As coisas em si constituem o conjunto dos artefatos que são aparentemente visíveis no mundo intelectual. Nós não vemos o mundo, nós vemos as coisas que fazem parte deste mundo. E é do fundo de seu silêncio absoluto que as coisas se apresentam ao humano. Como dito, elas, as coisas, não precisam dizer, exprimir, afinal, elas se encerram em um fim absoluto, em um silêncio mortal. É o homem, no contato com a coisas, que dissecas-as, transgredindo o espaço-limite da percepção e fazendo interagir com elas. É, pois, tomando emprestado a estrutura do mundo que se é possível construir “pontos de vista” sobre a linguagem das coisas e o pensamento das coisas. Temos a impressão de que as coisas do mundo são sobrepostas ao sujeito como que “prontas”, acabadas, visíveis à primeira vista, mas, não é isto que acontece em sua realidade ontológica. Esplendorosamente, as coisas do mundo podem surgir do fundo de seu silêncio, tomando de empréstimo, claro, a estrutura do mundo, contudo, mesmo que as coisas possam dizer por si mesmas, é no contato com o mundo da subjetividade que estas coisas tomam um rumo, ou melhor, passam a se “movimentar” no espaço-limite de sua expressão. É como se as coisas do mundo se expressassem a partir dos poros de sua constituição material e ontogenética ou é como se cada coisa possuísse um código próprio sujeito à intelecção

de seu movimento. Em poucas palavras, as coisas em si passam a ter existência própria com o movimento anafórico dos dedos e das mãos do homem.

Aqui, chegamos à provocação peculiar de nossa investigação: a fenomenologia da dêixis. Pelo que sei, conheço pouquíssimos teóricos, linguistas ou fenomenólogos que tiveram o objetivo de traçar um percurso fenomenológico para a dêixis. No entanto, proponho-me a tentar elucidar este complexo desmembramento do universo dêitico. Defendemos, aqui, a hipótese de que a dêixis é mais um fenômeno perceptual do que meramente um signo linguístico. Primariamente, com as mãos, é-se possível contornar, de modo total, as coisas do mundo. As mãos se apresentam como membros em potência. Com a excelência de seus movimentos, é-se possível contornar o mundo todo, abrangendo suas semelhanças, como também suas discordâncias. Ou seja, suas aparências e suas ausências. Se somente com as mãos é possível contornar o mundo todo, então, o homem está preparado para significar a sua totalidade, os caminhos e descaminhos do mundo inteligível. Parece que as mãos têm alguma conexão primordial com a consciência porque somente as mãos, enquanto membros, e a consciência, enquanto motor cognitivo, é-se possível abrigar as coordenadas totais do espaço e do tempo. Tudo começa com as mãos. O bebê, antes da fase de seu balbúcio, tem as mãos como estratégia ou instrumento essencial para a sua comunicação com os humanos. As mãos, costumeiramente, é a força centrípeta para a assimilação das coisas do mundo. O bebê, inicialmente, consegue captar as coisas do mundo com o ato de apontar com os dedos ou com o movimento simultâneo das mãos. Na ausência da fala, o bebê só tem como possibilidade de comunicação as suas mãos. Quando ele nasce, uma das primeiras coisas que ele enxerga após a sua mãe, são suas mãos. O contato primário com as mãos provoca instantaneamente uma abertura para a semiose. Enquanto o bebê não tem a língua, ele exerce a sua semiose através unicamente das mãos e de seus pertencentes, os dedos. Fenomenologicamente, a dêixis é o próprio ato de apontar com os dedos e as mãos. A sua potencialidade acontece inicialmente na dimensão não-verbal, ou seja, invisível. O bebê, inconscientemente, têm os dedos para dar significância ao mundo inteligível. Este é, na verdade, um modo invisível de significar as coisas visíveis. Depois da visão, o tato é o segundo ato de consciência que o bebê tem após o nascimento. A partir daí, ele, o bebê, vai aos poucos tendo consciência de que as suas mãos são o único instrumento, depois dos olhos, que ele pode acessar sem tanta dificuldade. Se o bebê quer mamar, ele não fala, mas aponta com os dedos para o seio da mãe, se o bebê quer um ursinho de pelúcia, ele não fala, mas aponta para a superfície limítrofe do urso. Nestes dois casos, percebemos que as mãos junto com os dedos “falam”, “falam” uma língua que a mãe poucas vezes entende, mas “falam”. O bebê começa a ter aderência ao mundo através das mãos. As suas mãos constituem a força maior de assimilação das coisas do mundo. É como se as mãos possuíssem poros que interconectassem invisivelmente com o mundo circundante.

Ver o mundo com os olhos ou com as mãos, para o bebê, não é tão diferente do que falar. Como dito anteriormente, as coisas expressam-se do fundo de seu silêncio. No estágio inicial de desenvolvimento do bebê, não é preciso, pois, produzir uma massa sonora já que as mãos ou os olhos “falam” por si próprios. Se não fossem a visão e o tato, como o bebê iria comunicar-se com a mãe? É interessante notar que o processo de interpretação dos gestos de apontar com os dedos e as mãos de um bebê é mais cognoscível do que os movimentos com os olhos. Tudo isto se constitui a partir da revelação de um fenômeno. A própria fenomenologia é, pois, o estudo do fenômeno. A sua tarefa é a de perceber como se originam as coisas e as suas relações com o mundo inteligível dentro de coordenadas espaço-temporais. A dêixis em si se apresenta como um fenômeno porque é com base em seus caracteres de movimento espacial que o próprio ato dêitico corporifica o mundo, bem como o estado de consciência do objeto percebido. Incorporar o estudo dêitico como uma espécie de fenomenologia é o mesmo que interrogar as conexões que existem entre o mundo visível e o mundo invisível. Por mais difícil que seja esta tarefa, cabe ao fenomenólogo dissecar as relações que se entremeiam na experiência sensorial com dado objeto e sua relação com o mundo inteligível. As mãos do bebê animam o cenário perceptual a fim de provocar uma ruptura em sua teia discursiva capaz de produzir signos potencialmente inerentes aos gestos de apontar. O nosso objetivo, pois, neste texto, é fazer entender o complexo movimento das mãos e dos dedos quando o espaço perceptivo não contribui inteiramente para tal processo. Dizemos que ele, o espaço, em sua maioria, não contribui porque as coisas nelas mesmas contêm

um fim absoluto em si mesmo, que somente através da percepção sensorial com dado objeto e incorporando aí uma subjetividade dêitica, é-se possível descrever o itinerário dialógico que há entre as coisas pertencentes ao mundo físico e as coisas pertencentes ao mundo invisível. Em um primeiro momento, fica difícil compreender como as mãos em si carregam um estatuto ontológico da linguagem que sobrevive ao silêncio emancipado pela coisas ou pelos objetos concretos imersos no mundo cognoscível. De acordo com Merleau-Ponty (2014, p. 32), “é por essa via que chegamos a pensar o invisível do homem como uma coisa”. Ou seja, o movimento anafórico dos dedos e das mãos de um bebê estimulam a força centrípeta do espaço e faz ver os objetos naturalmente invisíveis como visíveis. A mão, em sua excelência, é uma coisa visível, mas os gestos que se interpõem-se ao ato de movê-las é característico de um processo puramente invisível. Neste artigo, em especial, vamos compreender como se constitui o fenômeno dêitico, quais as suas relações com o mundo inteligível, como as mãos, os dedos, os olhos ou a face podem servir de instrumento para composição de uma cenário espacial e como as expressões linguísticas dêiticas podem ser substituídas pela potência significativa dos gestos de apontar.

Merleau-Ponty e a consciência de um mundo sensível

Merleau-Ponty (2014, p. 20) tece o seguinte argumento: “a coisa está no ponto extremo do meu olhar e, em geral, de minha exploração; devo constatar que a mesa diante de mim mantém uma relação singular com meu olhos e meu corpo”. Quando um objeto aparece pela primeira vez na nossa frente, o olho é quem capta e detecta-o mais facilmente. O olho faz um *check-up* ou um diagnóstico da natureza espacial do objeto percebido, neste caso, a mesa. Quando a mesa está diante de mim, o primeiro contato com ela é feito com os olhos, já as mãos ficam em segundo plano. No instante em que o olho vê, ele percebe. Na verdade, o mundo é aquilo que vemos, porém, não podemos explicar tão facilmente as coisas que pertencem a este mundo. No contato com a mesa, a nossa retina reflete uma imagem análoga àquela do objeto percebido no espaço-limite da interação. Mas, na condição do olho e do próprio ato de enxergar, esta condição não leva o interlocutor a diagnosticar se o que eu vejo é a mesma mesa que o interlocutor está vendo. É, pois, no ato de apontar com os dedos e as mãos e somente visualmente que o interlocutor consegue perceber que a mesa vista perceptualmente por mim é a mesma mesa que eu visualizei há segundos atrás. O olho pode ter a função de captar e até “representar” o objeto, neste caso, a mesa, mas esta captação e esta representação só ocorre inicialmente na mente do sujeito que vê. O interlocutor pode até supor que o que eu estou vendo é a mesa, mas não pode ter certeza de que é ela mesma que eu vejo. Sendo assim, o olho não tem a função de “pular para fora” e demonstrar que o que eu vejo é a mesa, contudo, são as mãos e a sua potencialidade, os dedos, que completa o processo de dissecação da imagem vista pelo olho. Ao apontar para a mesa, eu estou inferindo que foi aquela mesa com a qual eu almocei há dias atrás. Como dito anteriormente, o olho tem a função apenas de captar o objeto, enquanto que as mãos tem a função de mostrar que o que eu vejo é aquela ou esta mesa. Após eu enxergar a mesa, eu demonstro, com as mãos, o que o olho não pode fazer; que é expôr para fora, pertencer à realidade extracorpórea. É como se o cérebro desse sinais para que eu, após ver o objeto, projetasse os meus dedos para a mesa, só assim revelando que o que está representado em mim, na minha retina, é aquela mesa. Merleau-Ponty (2014) prossegue com seu argumento:

pois se é certo que vejo minha mesa, que minha visão termina nela, que ela fixa e detém meu olhar com sua densidade insuperável, como também é certo que eu, sentado diante de minha mesa, ao pensar na ponte de Concórdia, não estou mais em meus pensamentos, mas na ponte de Concórdia (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 18-19).

Não é certo, pois, que o olho, ao fixar a mesa, termine nela. Mas, como, neste caso, o interlocutor saberá se o que Merleau-Ponty está projetando em sua mente é mesmo aquela mesa? O pensamento é ontologicamente uma massa amorfa e ele só se codifica com a linguagem. O

pensamento não está para fora e sim para dentro. O que eu penso não pode ser exatamente o que o interlocutor pensa. Não pode haver nenhuma conexão ontológica com as duas mentes. Mas, o olho tem alguma conexão com a consciência. Ao se deparar diante da mesa, Merleau-Ponty pensa na Ponte de Concórdia a qual fica no Uruguai e é a ponte que detém a curva mais larga da América do Sul. Será que foi aquela mesa que o fez pensar na ponte de Concórdia ou se foi naquela mesa que anteriormente havia-se mencionado a tal ponte? Embora não saibamos qual a origem deste pensamento, por conta do lado obscuro e opaco de nossa mente, é possível ainda supor que a imagem mental da ponte de Concórdia tem alguma relação com a experiência afetiva ou sensorial com ela mesma. “Resta saber como podemos ter a ilusão de ver o que não vemos, como os farrapos do sonho podem, diante do sonhador, ter o mesmo valor do tecido cerrado do mundo verdadeiro” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 19). O importante a perceber é que Merleau-Ponty se questiona porque vemos o que não vemos. Se, diante dele, estava apenas uma mesa, porque ele pensar na ponte de Concórdia? De qualquer forma, o que fica registrado é que mesmo a quilômetros de distância, através do sonho ou dos próprios estados de consciência, nós podemos “viajar” no tempo, avançando ou remetendo-se a eras atrás. Alojado em sua casa, diante de sua mesa, ele não estava fisicamente na ponte de Concórdia, mas, através de seus pensamentos, ele não estava mais na mesa, mas na ponte de Concórdia. Será que nós temos mesmo a ilusão de estar em um lugar que não vemos, ou temos a consciência de que não estamos mas no lugar físico, mas em outro fictício? Este estado de consciência que aconteceu com Merleau-Ponty não seria o mesmo se caso ele apontasse com os dedos para a ponte de Concórdia, dentro de sua casa e próximo à mesa. A este fato característico nós podemos mencionar aquilo que Karl Bühler (1967) chamou de *dêixis am phantasma*. A dêixis em si carrega o estatuto de apontar com os dedos para alguma porção fixa, física e transparente ao olhos do enunciador. Mas, neste caso em particular, nós estamos nos remetendo à dêixis fictícia, aquela do mundo construído, do mundo fantasmático ou da fantasia construtiva. Embora Merleau-Ponty não esteja vendo a ponte de Concórdia, mesmo assim, a semiose se completou, ou seja, se originou. A força do pensamento está no fato de que é possível viver o mundo construído, mesmo que ao mundo inteligível tudo esteja ausente. Merleau-Ponty podia tão facilmente representar aquela mesa como se fosse a ponte de Concórdia e torná-la presente e viva ao interlocutor. Por isto, podemos dizer que as coisas em si contêm uma potencialidade de inscrição fenomênica capaz de transcender as relações espaço-temporais do mundo físico e inteligível. A mesa não é mais a mesma e tudo isto contaminou o espaço perceptivo de relações sensoriais, fazendo crer na possibilidade de que a ponte de Concórdia não está tão distante como se imaginava.

Com a dêixis, é possível tornar presente o ausente, de revelar o invisível ao plano do olho. É interessante perceber que Merleau-Ponty não tem a percepção da própria coisa concreta como a ponte de Concórdia, mas é como se ele tivesse, a partir de uma representação. A imagem da ponte de Concórdia não é a mesma coisa percebida com os dois olhos, ela, na verdade, se apresenta como um fantasma, parecida com a imagem análoga projetada pelo olho do espírito. Neste caso, o olho não ver a ponte de Concórdia no lugar do interlocutor, mas, na representação da ponte como uma mesa, o interlocutor já percepção aquilo como algo semelhante ou que tem verossimilhança com a ponte. Se o mundo é aquilo que vemos, nós precisamos aprender a vê-lo não necessariamente tal como ele é, mas poder enxergar além do que aquilo que se percepção no espaço-limite da interação. O mundo participa concomitantemente com a consciência. A imagem que eu tenho de uma coisa não é tal como ela é, mas como o olho e a mente percebe ser. Merleau-Ponty (2014, p. 39) diz que “a certeza que tenho de estar vinculado ao mundo por meu olhar já me promete um pseudomundo de fantasmas”. Esta reflexão já explica o que aconteceu no pensamento de Merleau-Ponty sobre a ponte de Concórdia “vista” da mesa de sua casa. O olho não só capta o mundo inteligível das coisas sensíveis, mas capta também o mundo fantasmático a depender do estado de consciência do sujeito. O nosso pensamento está rodeado também de fantasmas, de ilusões e de paradoxos. Além do mundo sensível das coisas percebidas em sua concretude, há dois mundos que se subdividem dentro de nossa consciência, a saber, o mundo que corresponde às coisas sensíveis e o mundo que corresponde às coisas ilusórias. Se Merleau-Ponty “viu” a ponte de Concórdia diante de sua mesa, não foi somente o cérebro que acionou o olho para projetar aquela imagem análoga, mesmo que ele não tenha a visto diante de sua mesa. Embora o pensamento contenha uma força perceptiva até então indescritível, através da conexão com as coisas do mundo

é-se possível tentar decifrar os esconderijos em que as coisas “se escondem” na consciência. O que aconteceu com Merleau-Ponty tentamos explicar dizendo que o que chamamos de visão faz parte da potência de pensar que atesta que esta aparência respondeu, segundo uma regra, aos movimentos dos olhos. Dizemos, pois, que os olhos respondem e correspondem aos estados de consciência do humano. A percepção é o pensamento de perceber quando ele é pleno, atual ou quando é opaco ou virtual. Embora na ponte de Concórdia não há nada de concretizado, embora sensível e perceptível, a existência bruta e prévia do mundo acreditava encontrar já ali, ao abrir os olhos, o símbolo de um ser. Ou seja, o sujeito, com seu estado de consciência, não crer mais ver com os olhos as coisas exteriores que ver; estas coisas são só exteriores ao seu corpo e não ao seu pensamento, que sobrevoa a ambos. O pensamento toma posse de tudo aquilo que vê, enquanto que o corpo só “recepção” aquele estado de consciência como que inteligível ao mundo sensível. Embora o pensamento não corporifique a coisa, ele a incorpora e é, no ato de incorporá-la que ele, o pensamento, absorve todo o conteúdo de massa significativa da coisa para só depois ser expresso pela pessoa que pensa.

Só se pensa um pensamento de fora. Ou seja, a partir da coisa estruturante é que se é possível pensar sensivelmente a coisa, não sendo, em boa parte das vezes, ela mesma. Aquilo que o olho vê ou capta não é a mesma coisa que o pensamento introjeta e absorve. No pensamento, há outros elementos ocultos que superpõem à massa significativa da coisa e a transformam em uma espécime de coisa única. Se o olho vê uma árvore, o pensamento não absorve aquela coisa, que é a árvore, tal como ela é. Por conta dos indícios de uma anterioridade extracorpórea, o pensamento ou a imagem de pensamento da árvore não é análoga àquela testemunhada no espaço perceptivo das coisas do mundo. Há, digamos, uma memória oculta no cérebro que é acionada logo após a representação imagética da árvore, pressupondo que aquela árvore vista a olho nu não é a mesma da árvore construída pela força da consciência. Em sua vida, o homem já percebeu várias árvores com várias cores, vários tamanhos e espessuras, sendo assim, a árvore que o pensamento pensa representa um conjunto ou uma totalidade de dimensões arquetípicas similares à árvore vista a olho nu. Por isso, dizemos que o pensamento só pensa de fora, ou seja, exteriormente, ele, o pensamento, depende das coisas lançadas ao mundo inteligível e este mundo só pode ser consagrado como “inteligível” graças à interposição das coisas no mundo. O olho capta, o pensamento armazena. As imagens construídas na consciência captadas pelo olho se assemelham a um lençol de areia com o sopro do vento, são vários fragmentos e porções de imagens análogas à vista pelo olho nu. A coisa é ela mesma, mas é o pensamento que dar sentido à coisa. O mundo não pode apresentar-se a não ser oferecendo-lhe um sentido, a não ser sob a forma de pensamento do mundo. Não posso procurar uma luz concernente ao mundo a não ser interrogando-se, explicando minha posição no mundo, compreendendo-o de dentro. Aí a filosofia encontra o seu lugar. Não é que o mundo já contenha um sentido, mas o sentido está oculto nas coisas, a consciência é quem tem o dever de elucidar os meandros do ser e do compreender. No contato com o mundo, a consciência já tem o seu mundo privado, ou seja, já compõe-se de um “esboço” sobre os fenômenos do mundo, mas é no contato com o reflexo das coisas que a consciência decompõe-se, altera-se, afrouxa-se, expande-se. Se o mundo fosse para o homem um texto, seria um estranho texto. Está fora de questão que o mundo possa preexistir à minha consciência do mundo. Ou seja, o mundo só existe graças à consciência. Se há somente uma consciência no mundo todo, há, contudo, um mundo. Ao nascer, o bebê tem consciência de estar no mundo, embora ele já vivesse em um mundo uterino e fizesse parte mesmo que “globalmente” ao mundo em sua totalidade.

Queremos dizer que o bebê quando está no útero da mãe já faz parte do contorno do mundo, embora as relações espaço-temporais com o mundo sensível ainda não seja uma realidade aparente. Somos e permanecemos estritamente opostos e confundidos, precisamente porque não somos da mesma ordem. Se o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, então, ele, o homem, não é imagem e semelhança do mundo. O mundo fora criado para extrair dele sua inteligibilidade. O homem é estranho às coisas e, mesmo assim, destinado a elas, feito para elas. Conforme Merleau-Ponty (2014, p. 72) aponta: “o mundo é como essa faixa de espuma no mar, vista de avião, parece imóvel”. Isto quer dizer que as coisas no mundo não são coisas puras, idênticas a si mesmas e inteiramente positivas a não ser de distâncias muito grandes. Tudo é pura ilusão. Existe alguma coisa e cabe somente saber se é verdadeiramente este espaço, este tempo, este movimento, este

mundo que acreditamos ver e sentir. Se o que vemos não é exatamente tal como aquela coisa é, imagine se projetássemos a coisa em nossa mente, um turbilhão de sentimentos e sensações iriam se contradizer e poucos se justapor. Há um universo de negatividade entre as coisas do mundo e o homem. Mesmo que o homem seja um nada diante da imensidão do mundo, ele, o homem, se apresenta como uma coisa e faz parte desta imensidão. Não há um indivíduo ou uma coisa que não seja representativos de uma espécie ou de uma família de seres. Mesmo invisivelmente, é como se tudo estivesse interconectado, obedecendo a uma lei de estrutura. Merleau-Ponty (2014, p. 119) afirma: “a vida torna-se ideias e as ideias voltam-se à vida”. Mas, quando as ideias voltam à vida, elas não são mais as mesmas, pois passaram pelo fio elucidativo da consciência. Contudo, é neste jogo interessante de troca entre vida e ideias que passamos a viver neste momento.

A realidade fenomenológica da dêixis

Segundo Sartre (2018, p. 20), “o princípio da fenomenologia é ir às coisas mesmas”. Dentro de um mundo inteligível, as coisas se apresentam como elas são; elas estão lá, no espaço e no tempo, para serem dissecadas e transformadas em uma substância significativa para o homem. A causa natural das coisas imersas no mundo é o que a fenomenologia estuda. Não há nenhum segredo guardado quando se quer estudar algum tipo de fenômeno. O fenômeno dêítico, por exemplo, é um tipo de investigação que depende de uma subjetividade. Isto quer dizer que o fenômeno dêítico não funciona por ele mesmo, é preciso, pois, os dedos e as mãos do homem para refletir sobre o seu posicionamento no universo de coordenadas espaço-temporais. É como se o sujeito, dotado de uma consciência, incorpora-se ao ambiente de relações sensoriais, transgredindo a força inerente no espaço, partindo-se somente de seus atos de apontar. Os dedos tem alguma relação sensorial com a situação, enquanto que o olho tem uma relação visual com a dada situação. Ambos elementos têm a função de representar as coisas do mundo, dando significado a elas. Merleau-Ponty (2014) já havia dito no início do século XX que o mundo é muito mais visual do que tátil. Quando o bebê abre os olhos pela primeira vez, ele tem o mundo ao seu alcance. As cores, as luzes, o delineamento do universo óptico, as formas geométricas das coisas, tudo isso se acopla à visão do recém-nascido. O sentimento que o bebê tem do mundo ao abrir os olhos pela primeira vez é o de ser um turbilhão de sensações, ele, o bebê não consegue, neste exato momento, pensar bem o que está acontecendo ao nascer, mas, por incrível que pareça, quando colocado ao lado da mãe, após o choro do mundo desconhecido aos seus olhos, ele se cala no abraço com a mãe. O bebê, na verdade, sente um certo tipo de energia, de sintonia e de empatia, percebendo que, embora nunca tenha visto a fisionomia da mãe, pela visão e pelo tato, ou pelo cheiro, é-se possível criar ainda uma sintonia entre mãe e filho. Como dito anteriormente, o primeiro caso de dêixis que se pode observar é no próprio ato de nascimento, quando ao olhar o mundo em seu entorno, o bebê logo percebe as suas mãos. Com um ano de idade, ele já quer tudo pegar. Mas, somente com dois a três anos de idade, o bebê começa a perceber que as suas mãos podem servir-lhe de âncoras para a sua mediação no espaço. Aí sim, ele começa a ter como hábito o ato de apontar para as coisas. Quando uma das mãos do bebê toca a outra, o mundo de cada uma se abre para o da outra. Este *insight* acontece logo quando o bebê tem consciência da existência de suas mãos.

De acordo com estes princípios, fenomenologicamente, o bebê é composto de signos dêíticos, ou seja, ele têm as mãos, os olhos, os dedos e até a face para se comunicar. Na intenção de tornar visível para ele o espaço circundante, ele aponta com os dedos para determinado objeto. E, no ato de apontar, ele já significa. Na mediação entre o dedo e o objeto designado coexiste uma linha imaginária que faz a ponte entre os dois. É como se ele “pescasse” com os dedos as coisas dispersas do mundo. Um fato que é válido abordar é que as coisas em si contêm qualidades designativas como cor, espessura, geometria, etc, as quais tornam o campo visual do bebê mais expressivo. Um objeto de cor vermelha chama muito mais a atenção do que um objeto de cor cinzenta. Este caso nos faz comentar que o olho do bebê capta mais aquilo que é expressivo como dado representativo em sua retina. A cor ou o ruído de um objeto chamam mais a atenção e os sistemas perceptivos do bebê são tão “delicados” que provocam uma reação abrupta. Todos os objetos que circundam o bebê estão, em sua maioria, a uma certa distância de percepção. Sendo assim, o único artifício que ele tem são os dedos e as mãos para, digamos, “aproximar” aquele

objeto ao seu entorno físico. Parece que com a ausência da fala, o movimento dos dedos parece preencher esta lacuna para a percepção. Inconscientemente, o bebê apreende a dêixis como uma espécie de fenômeno, tal como ele é. Escolhemos investigar os primeiros movimentos do bebê, antes do seu balbúcio, porque cremos que esta fase melhor reflete a condição do fenômeno dêitico em sua origem, em seu ambiente natural e ontogenético. Santos (2018) observou que o sistema dêitico pode expandir-se, a partir de alguns signos linguísticos dêiticos, para abrigar as coordenadas espaciais da percepção, como também do pensamento. No caso do bebê e já criança, o estado motor de percepção sensorial atinge o mundo da fantasia construtiva, ela, a criança, se orienta no mundo das ficções. Seus pensamentos são arraigados por representações fantásticas do imaginário. A criança pode facilmente empregar uma proposição para o seu urso de pelúcia e dizer: “mamãe, o ursinho está apontando para mim”. Todo o universo semiótico e, por excelência dêitico, acontece no mundo da imaginação tendo o mundo inteligível como o espaço potencial para a tessitura de elementos dêiticos. Até um certo estágio de sua vida, a criança não tem consciência total das relações das coisas com o mundo, para ela, as coisas giram em torno de um mundo de fantasias e idealizações. À medida que ela cresce e sua massa encefálica se desenvolve, ela vai percebendo que o mundo sensível tal como ele é, “responde” aos seus comandos e que ali, naquele mundo, as coisas têm uma funcionalidade própria, por isso, são estas coisas que são os fragmentos do mundo inteligível.

Segundo Lahud (1979), a dêixis é mais uma linguagem natural do que propriamente uma epistemologia. É uma linguagem natural porque, como o próprio nome indica, se origina de uma infraestrutura inata à ontogênese humana. Antes mesmo de aprender que as mãos e os dedos são instrumentos com a função de apontar, ele, o bebê, sozinho e, partindo-se de uma autoanálise, já consegue perceber que as suas mãos e os dedos foram feitos para se orientar no espaço circundante. O bebê brinca com as mãos e “se ver” no movimento dêitico de seus dedos. A dêixis enquanto uma linguagem natural não se aprende, ao contrário, ela própria faz parte da condição ontogenética de um ser. Quando o ato de apontar se constitui como um fenômeno dêitico consciente, ele impõe sua forma à realidade. Isto quer dizer que quando o bebê toma consciência do seu ato de apontar, ele é capaz de tomar o mundo todo, de alcançá-lo em sua totalidade somente com as mãos. Ainda segundo Lahud (1979), a dêixis é um sistema pré-estruturante do mundo, ou seja, trata-se de uma teoria natural da linguagem que preexiste à realidade ontológica do mundo sensível. A representação da dêixis nos primeiros estágios de desenvolvimento da criança já aparece, desde o início, como que já “estruturada”, como que já preexistisse à inteligência sensório-motora da criança. Neste limiar, a linguagem apresenta-se, efetivamente, como um organizador da experiência motora que se exprime nela e por ela. Toda a marca que a criança impõe à organização da sua experiência é provida do sistema dêitico. Benveniste (1989) vê os dêiticos como índices de subjetividade. Partindo desta reflexão, é possível pensar que, no próprio interior do condicionamento dêitico (apontar com os dedos ou com mãos), fica introjetado uma massa de significância subjetiva estruturada por experiências prévias. Dêiticos como “lá”, “aqui”, “isto” ou “aquilo” podem muito dizer, muito mais do que simplesmente orientar. Outro ponto interessante a notar é que no próprio ato de apontar e no uso de expressões dêiticas como aquelas, podem surgir um sistema opositivo, ou seja, uma dupla referência, entre aquilo que está presente e aquilo que está ausente.

Quando o olho focaliza um objeto do espaço circundante, esta imagem projetada na retina é, na verdade, uma segunda aproximação do objeto percebido, em outras palavras, quando o olho vê e capta pela segunda vez, o objeto não é visto em sua ordem primária, mas secundária. Torna-se preciso, pois, uma segunda abertura para efetivar a ação do objeto na consciência. Sendo assim, a natureza das coisas está nos fatos do mundo, em sua forma originária, dada, natural e bruta. Enquanto que as coisas vistas por uma segunda ordem são secundárias, construídas, artificiais e virtuais. Tomemos, agora, como exemplo, a reflexão de Halbwachs (2003) sobre a percepção e a lembrança:

Por exemplo, eu me vejo numa estação em que entrei apenas uma vez para esperar um trem, há muitos anos, na qual nunca mais havia pensado, cuja aparência não mudou. Quando reconheço essa estação, dir-se-ia que em meu espírito duas imagens se recobrem: uma é o quadro que tenho sob os olhos e a outra, o quadro que vi outrora; uma percepção e uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 55).

O interessante a notar desta imagem mental é que Halbwachs soube recuperar instantaneamente a lembrança dentro de seu fundo oculto e profundo, pois recuperar uma lembrança de um local não é uma tarefa tão fácil como se imagina. Quando ele exprime “eu me vejo numa estação”, ele está se utilizando do valor opositivo que há no sistema dêitico (presença/ausência). Percebam que não há nenhum indício temporal nesta proposição (“eu me vejo”) que alerte o interlocutor para uma dimensão recordada, afinal, o tempo é o presente do indicativo do verbo “ver”. Mas, o que ele ver é a própria imagem da estação. Este estado de consciência pertence à realidade ontológica do pensamento. É como se ele pensasse a estação e, logo, estivesse nela. Este exemplo tem relação com aquele mencionado por Merleau-Ponty nas páginas anteriores sobre a ponte de Concórdia que ele ver, mas não está fisicamente nela. Ao reconhecer um objeto como, neste caso, a estação, surge à frente do indivíduo duas imagens: uma vista sob os olhos e a outra vista com a força do pensamento. De acordo com Halbwachs (2003), uma é percepção e a outra lembrança. Os quadros da paisagem vista se mesclam, se interpenetram: uma presente do ausente e a outra ausente do ausente. Como dito, há duas imagens que se justapõem: aquela que se projeta nos olhos e aquela que se forma na consciência. A partir das lembranças cristalizadas em meio social é que o indivíduo irá dissociar entre aquela vista e aquela lembrada. Ainda segundo Halbwachs (2003, p. 93), “a lembrança é uma imagem introduzida em outras imagens”. Há um aglomerado de imagens coalescentes que se aglomeram umas às outras, formando um tecido confuso de massas significantes heteróclitas. É, pois, o cérebro que aciona qual imagem pertence à percepção sensório-motora, aquela do presente e qual imagem pertence à percepção sensível, aquela do passado. O passado, muitas das vezes, se apresenta como uma nuvem nebulosa, opaca e, às vezes, indissociável. Nem sempre conseguimos recuperar os acontecimentos de nossa infância com total exatidão. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais mantivemos contato. Como no caso da estação recordada por Halbwachs, por mais estranho e paradoxal que este acontecimento possa parecer, as lembranças que são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito a nós mesmos.

Conclusão

É um pouco difícil chegar a concluir este texto, pois se trata de um estudo inicial referindo-se à dêixis como um fenômeno. Os argumentos aqui apresentados são, em sua maioria, pressuposições, hipóteses ou esboços preliminares que tentamos, à luz de uma perspectiva fenomenológica, traçar. De qualquer forma, a filosofia de Merleau-Ponty (2014) nos ajudou imensamente já que conseguimos, mesmo sujeitos ao erro, apresentar um panorama total de abordagem da teoria da dêixis dentro de um enquadre fenomênico. Percebemos, diante deste estudo, que a origem do componente dêitico está, em sua natureza, na emissão de gestos de apontar com os dedos ou com as mãos e tentamos exprimir que estes gestos acontecem logo no início da atividade sensório-motora da criança, logo após o seu nascimento. Concluímos com uma reflexão de Merleau-Ponty (2014, p. 59) a qual sintetiza o nosso trabalho: “se procuramos as razões é porque já não conseguimos ver, ou porque outros fatos, como a ilusão, nos incitam a recusar a própria evidência perceptiva”. Ou seja, de um lado, estamos diante da evidência perceptiva onde vemos as coisas como verdadeiramente são e do outro lado, estamos diante da ilusão a qual nos confunde e faz ver o que, de fato, não vemos. Seja qual lado for, estamos diante de um paradoxo inevitável: as contradições do mundo sensível.

Referências

- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.
- BÜHLER, K. **Teoria del lenguaje**. Tradução de Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1967. Tradução de: Sprachtheorie. Jena. Gustav Fischer, 1934.

- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica**. 2: ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SANTOS, C. Referência dêitica in absentia: uma discussão preliminar. **Revista de Letras Juçara**, v.2, n.1, p. 54-69, 2018.
- SARTRE, J-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-Philosophicus**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

Recebido em 28 de outubro de 2021.
Aceito em 22 de junho de 2022.

